

## Depoimentos

"É uma alegria e uma honra para a Universidade de Brasília conceder o título de professora emérita à professora Glória. Ela foi pioneira no desenvolvimento das política de cotas que deram origem a uma nova estrutura, mais diversa, mais plural, do segmento estudantil na nossa universidade, e que se tornou política pública em todo o país."

**Rozana Naves**, reitora da UnB



Minervino Júnior/CB/D.A. Press

"Para nós, que fomos estudantes de pedagogia da UnB, a professora Glória representou imersões num universo até então pouco explorado. Ela nos apresentou aos saberes presentes na ancestralidade viva: as comunidades de quilombos. Proporcionou, por meio de recursos literários, dentre eles, de sua autoria, e dos projetos de campo, o conhecimento pedagógico presente na geografia, na arquitetura, nos cânticos, nos saberes tradicionais e nas pessoas que vivem nas comunidades quilombolas. Isso foi essencial para a compreensão de nossa identidade e história negra."

**Débora Moraes**, pedagoga graduada pela UnB



Flora Egécia/Arquivo pessoal

"Temos a querida professora Glória Moura como uma referência. Ela abriu caminhos para que hoje nós, tanto as professoras negras quanto as não negras da UnB, tenhamos um ambiente acadêmico mais culto sobre o que significa a história e a potência da cultura afro-brasileira. Glória também foi um cajado de luz perene que nos guiou diretamente nas árduas batalhas pela implantação das cotas para negros e acesso de indígenas na UnB."

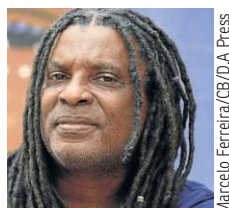
**Dione Moura**, relatora da política de cotas da UnB e diretora da Faculdade de Comunicação (FAC-UnB)



Kayo Magalhães/CB

"Eu admiro muito a professora pela disposição, pelo protagonismo de nos fazer entender as culturas negras rurais e compreender o valor da pesquisa sobre essas populações. Ela organizou seminários, eventos, deu cursos, é uma pessoa muito ativa e determinada em levar adiante esse propósito. E sempre me tratou com muito afeto e carinho"

**Nelson Inocêncio**, professor do Departamento de Artes Visuais da UnB



Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

Fotos: Arquivo pessoal



Com o marido e advogado, Carlos Alves Moura: "Paixão no primeiro olhar"



A professora, ao centro, com as filhas Luciana (E), Cristina, Debora e Carla



Gloria recebe o diploma de professora emérita das mãos da reitora, Rozana Naves

Júlio Minasi (secom/unb)

educação sempre foi algo muito valorizado, e percebia nela essa mesma postura", afirma Nelson, que chegou a visitar quilombos ao lado de Glória. "Os alunos me agradeciam por eu ter mostrado a eles um outro Brasil, que pouca gente paga, mas todo mundo explora", destaca a professora.

O trabalho incansável também resultou na inauguração dos primeiros cursos de formação em história e cultura afro-brasileira. Além de levar os quilombos para a educação, Glória fez o caminho contrário, e apresentou a literatura para muitos quilombolas. Criou o primeiro livro didático

voltado a crianças dessas comunidades e editou a coleção Caminho das Pedras, que fala de direitos e cidadania.

Uma das preocupações que ela carrega até hoje é com a demarcação das terras quilombolas. Ela foi a única representante negra no Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte da UnB, e apresentou propostas que contribuíram para a construção de um artigo do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) que reconheceu o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas por comunidades remanescentes

de quilombos. "Temos que pensar um pouco no desenvolvimento urbano, no desenvolvimento da sociedade", observa.

## Alegria de viver

Disposta e ativa aos 90 anos de idade, Glória carrega consigo um outro aprendizado quilombola: o da alegria e da dança. "Eu gosto muito de dançar. Acho que devemos fazer tudo com alegria. Essa é uma mensagem de Deus para o universo", ensina. Suas festas ficaram famosas e até hoje são lembradas entre amigos. O segredo, na avaliação dela, era a

espontaneidade. "Sem pensar que estava fazendo uma festa, eu fiz", diverte-se.

O reconhecimento na UnB, como professora emérita, veio após aprovação da indicação no Conselho Universitário (Consuni), em maio. "Eu não me vejo como digna dessa comenda. Mas, quando começo a pensar no que já fiz nessa área, de qualquer maneira foi uma abertura de portas. Se as crianças aprendessem isso desde pequenas, seria mais fácil", reforça. "Eu faço minha obrigação, com muito amor, muito trabalho, porque não é brincadeira esse mundo do interior. É só gente indo lá, vendo um

pouquinho, como eu vi. Eu nunca contei quantos, mas foram muitos quilombos. E, na hora que você se identifica com eles, é uma coisa linda, porque eles se sentem valorizados, e a gente se sente muito amado. Nós somos isso. Somos fruto dessa miscigenação."

Antes de nos despedirmos, Glória pediu para deixar uma mensagem aos leitores: "É a mensagem do amor para mudar o mundo. Porque nós não temos nada que impeça isso. Só a razão. E a razão não basta. O que importa é a razão mais o amor; a alegria de viver; a alegria de ver as coisas e conhecê-las".